



ESPAÇO PÚBLICO E SOCIABILIDADE EM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA URBANA

Public Space and Sociability in the Context of Urban Violence

Neide Maria de Almeida Pinto

Universidade Federal de Viçosa - UFV, Viçosa, MG, Brasil

Lattes:<http://lattes.cnpq.br/9078207930978711> Orcid:<http://orcid.org/0000-0002-8713-5471>

E-mail:nalmeida@ufv.br

Ana Louise de Carvalho Fiúza

Universidade Federal de Viçosa - UFV, Viçosa, MG, Brasil

Lattes:<http://lattes.cnpq.br/6980818349328612> Orcid:<http://orcid.org/0000-0002-3898-1583>

E-mail:louisefiúza@ufv.br

André Luis Gomes

Universidade Federal de Viçosa - UFV, Viçosa, MG, Brasil

Lattes:<http://lattes.cnpq.br/6020427082718955> Orcid:<https://orcid.org/0000-0002-3395-9192>

E-mail:andre.l.gomes@ufv.br

Geraldo Magela da Cruz Pereira

Universidade Federal de Viçosa - UFV, Viçosa, MG, Brasil

Lattes:<http://lattes.cnpq.br/3918050985377865> Orcid:<https://orcid.org/0000-0001-6280-4870>

E-mail:geraldomcpereira@gmail.com

Trabalho enviado em 07 de outubro de 2020 e aceito em 04 de maio de 2021



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.



Rev. Dir. Cid., Rio de Janeiro, Vol. 14, N.02., 2022, p. 820-854.

André Luis Gomes, Neide Maria de Almeida Pinto, Ana Louise de Carvalho Fiúza e Geraldo Magela da Cruz Pereira

DOI: 10.12957/rdc.2022.54998 | ISSN 2317-7721

RESUMO

Procurou-se nesse estudo analisar a influência da violência urbana nas interações sociais e no uso espaços públicos pelos jovens residentes em uma cidade média no estado de Minas Gerais. Para tanto, foram aplicados questionários em uma amostra de 618 jovens. Como método de análise utilizou-se a análise exploratória de dados, o qui-quadrado e a regressão logística multivariada binária. De acordo com os resultados, os espaços mais frequentados pelos jovens foram a igreja, o cinema e o *shopping*, considerados pelos jovens como os espaços mais seguros. As maiores vítimas de roubos foram os jovens da região de maior renda, já as de homicídios e agressões físicas, principalmente das agressões empregadas pela polícia, os jovens das regiões de renda baixa e de maior vulnerabilidade social. Devido à violência, mais de 50% dos jovens disseram ter medo de sair e modificam algum comportamento por medo da violência. Concluiu-se que a violência urbana afeta o uso da cidade pelos jovens, pois na expectativa de não serem vítimas de violência, modificam as condutas cotidianas. Além disso, concluiu-se que ter sido vítima de violência ou ter tido um membro da família como vítima, constitui-se em um dos elementos mais importantes na determinação da mudança de conduta.

Palavras-chaves: Crime violento; Espaço público; Jovem; Sociabilidade; Violência urbana.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the influence of urban violence on social interactions and the use of public spaces by young people living in a medium-sized city in the state of Minas Gerais. For this purpose, questionnaires were applied to a sample of 618 young people. As an analysis method, exploratory data analysis, chi-square and binary multivariate logistic regression were used. According to the results, the spaces most frequented by young people were the church, the cinema and the mall, considered by young people as the safest spaces. The biggest victims of robberies were young people from the region with the highest income, while those from homicides and physical attacks, mainly from the attacks employed by the police, young people from low-income regions and those with greater social vulnerability. Due to violence, more than 50% of young people said they were afraid of going out and modified some behavior for fear of violence. It was concluded that urban violence affects the use of the city by young people, because in the expectation of not being victims of violence, they modify their daily conduct. In addition, it was concluded that having been a victim of violence or having a family member as a victim, constitutes one of the most important elements in determining the change in conduct.

Keywords: Violent crime; Public place; Young; Sociability; Urban violence.



1. INTRODUÇÃO

O forte impacto da violência urbana na saúde, economia e segurança tem feito dela objeto de discussão e de preocupação dos gestores públicos, meio acadêmico e da população de forma geral. No Brasil, o fenômeno tem atingido níveis cada vez mais alarmantes, sobretudo, os homicídios, que aniquila o indivíduo e não permite o seu reestabelecimento. (BRANDÃO; COSTA, 2015). De acordo com o DATASUS (2020), enquanto no ano de 2007 ocorreram 48.219 homicídios no Brasil, em 2017 esse número saltou para 65.602 casos, com 44% (29.186) deles nos espaços públicos das cidades, tais como praças, ruas, praias e outros lugares em que as pessoas não tenham o acesso limitado, ou seja, uma acessibilidade física condicionada, a qualquer outra norma, a não ser aquelas que regulam o comportamento em áreas comuns. (GOMES, 2002).

Entretanto, a violência no Brasil, principalmente a letal, não afeta todos os indivíduos da mesma forma, sendo os jovens¹ as maiores vítimas do fenômeno, os quais representaram 60% do total de óbitos identificados apenas em 2017. (DATASUS, 2020). A maioria é moradora de áreas periféricas e que, devido ao intenso processo de urbanização e industrialização deficiente e excludente, apresentam precárias habitações e problemas de infraestrutura e equipamentos públicos. (CARDIA; ADORNO; POLETO, 2003). Enquanto isso, a infraestrutura básica e os equipamentos públicos, em maior número e melhor qualidade, são encontrados nas regiões habitada pela população de renda mais elevada, com maior poder aquisitivo e influência. (SCHVASBERG, 2003).

Como resultado desse quadro, ocorre uma diferenciação nos índices de homicídios, roubos e agressões físicas nos diferentes espaços da cidade (CANO, 1997), bem como uma representação negativa da população pobre e dos locais por ela habitada, que passam a ser vistos como espaços de violência. Dentre os vários aspectos, portanto, pode-se entender a violência urbana também como um fenômeno socioespacial, devido à variabilidade dos locais de ocorrência de casos, bem como da influência desses locais e do modo de vida urbano na constituição de determinados tipos de violência. (MAGRINI, 2014).

A violência urbana tem forte impacto sobre o padrão de comportamento da população, limitando a convivência no espaço público, a liberdade de deslocamento e as opções de lazer, como revelou um estudo desenvolvido pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) (2013), que tomou como referência 18 países na América Latina, no ano de 2012. Entretanto, conforme Jacobs (2014), deixar de frequentar os espaços públicos pelo medo da violência² é um erro, pois o problema da insegurança³, devido à violência, não será solucionado com a dispersão das pessoas, trocando os espaços públicos das cidades por outros espaços. Logo, para que esses espaços sejam



seguros, é preciso que as pessoas interajam e os utilize, pois se as pessoas temem a rua e deixam de usá-la, fazem com que ela se torne ainda mais insegura.

Além disso, as limitações no uso dos espaços públicos geram sérios danos nas sociabilidades⁴, pois ficam restritas a determinados grupos e locais, não permitindo que a segregação e a discriminação social sejam superadas. (JACOBS, 2014). Além disso, impedem as trocas de informações entre os indivíduos, sem as quais eles não podem perceber os problemas comuns e encontrar soluções que demandam ações coletivas. (CARDIA, 2003).

A perspectiva de análise da sociabilidade a que este trabalho se propõe, perpassa a compreensão da vida social da cidade. E dentro desse contexto, a segurança na rua não cabe apenas à polícia, mas à rede intrincada de controle e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicado. A vida social nas calçadas, por serem públicas, permite compreender as inúmeras práticas das pessoas que nela circulam para diversos fins, como beber, conversar, brincar e comer. (JACOBS, 2014).

Para tanto, pretende-se analisar a influência da violência urbana, mais especificamente dos crimes violentos⁵ (roubos, homicídios e agressões físicas) e das suas representações sociais sobre o uso dos espaços públicos e sobre as interações sociais dos jovens estudantes residentes no contexto de uma cidade média⁶, Viçosa, localizada no interior da Zona da Mata Mineira. A escolha justifica-se em função dos casos de homicídios registrados na cidade, que entre os anos de 2013 e 2017 passaram de 33,23 para 54,13 por 100 mil habitantes, segundo os dados da Polícia Militar (2018), equiparando-se aos dados nacionais⁷. E, desse grupo, os mais afetados foram os jovens, indivíduos na faixa etária de 15 a 29 anos, conforme nomenclatura do Estatuto da Juventude (Lei nº4.529/04).

O estudo está dividido em quatro partes. Além desta introdução, a primeira parte “A violência urbana na cidade e a sua influência nas sociabilidades e espaços públicos” apresenta os principais conceitos que nortearam o desenvolvimento do estudo e discute os efeitos que a violência urbana tem sobre a conduta dos cidadãos na utilização dos espaços públicos e nas interações sociais. A segunda parte trata dos procedimentos metodológicos utilizados para alcançar o objetivo proposto. Nesse contexto, é apresentada a população alvo do estudo e os procedimentos para estabelecimento da amostra, dos dados secundários utilizados e das análises desenvolvidas.

A terceira parte, resultados e discussões, apresenta, primeiramente, a caracterização da cidade e da população do estudo e, em seguida, a análise da influência da violência urbana sobre as sociabilidades e o uso dos espaços públicos por essa população. Por fim, na quarta parte, a partir dos resultados alcançados são apresentadas as considerações finais do estudo.



2. CRIMES VIOLENTOS, ESPAÇO PÚBLICO E INTERAÇÕES SOCIAIS

A cidade é constituída por dois tipos de espaços, o construído, fechado e privatizado, e os espaços abertos que são os espaços públicos como becos, ruas, praças, jardins e praias (MELLO; VOLGEL; SANTOS, 1985), bem como qualquer outro lugar em que a acessibilidade física não seja condicionada por outras normas, a não ser, aquelas que regulam o comportamento em áreas comuns. (GOMES, 2002).

As ruas, as praças e as avenidas apresentam características próprias que as identificam, pois são construídas a partir das apropriações e do convívio (CARLOS, 2001), como, por exemplo, pelos jovens sentados na frente de um bar; pelo futebol em um campo improvisado; pelos namoros e; pelos amigos sentados na esquina com uma caixa de som esperando o tempo passar. (FÁVERO; MORAIS, 2016). Entretanto, como a maioria dos espaços públicos é capaz de concentrar pessoas, além de oferecer oportunidades para que as práticas de boa convivência e respeito sejam exercitadas, eles permitem também o desenvolvimento de ações violentas como, por exemplo, roubos, homicídios e agressões físicas, tipos de violência urbana muito presentes nas cidades na atualidade, com um forte contexto de segregação socioespacial.

A teoria da atividade de rotina postula que para um crime ocorrer deve coincidir no mesmo tempo e espaço: um infrator, uma vítima em potencial e a ausência de um guardião. Nesse caso, o infrator, motivado por questões econômicas ou de outra ordem, entrará em contato com uma vítima potencial, quando não houver nenhum guardião por perto, ou seja, amigos, vizinhos, conhecidos ou outros indivíduos que possam evitar a ocorrência do crime. (COHEN; KLUEGEL; LAND, 1981).

Dentro desse contexto, as atividades de rotina realizadas dentro de casa, nas proximidades dela, na família ou em outros grupos primários, por permitir maior capacidade de tutela, tornam mais difíceis a possibilidade de vitimização. (COHEN; FELSON, 1999). Entretanto, além desses elementos, outros cinco contribuem para a vitimização, que são: 1) a proximidade entre vítima e agressor, caracterizada pela distância física entre a residência do criminoso e da possível vítima; 2) a exposição do indivíduo, medido pela visibilidade física da vítima e do acesso do criminoso a ela em um dado momento e local; 3) tutela, a eficácia na prevenção dos crimes, que pode ser feita por pedestres, guardas de segurança privados, agentes da lei entre outros, ou por objetos, caso, por exemplo, de alarmes, fechaduras e janelas com grades de forma a prevenir possíveis violações; 4) atratividade da vítima, relacionada às vantagens materiais ou simbólicas dos possíveis alvos ou a impossibilidade do alvo pelas características físicas de resistir à abordagem criminosa e; 5) as propriedades definicionais



dos crimes específicos, em que as características de um tipo de crime são importantes para impulsionar ou restringir a ação dos possíveis infratores. (COHEN; KLUEGEL; LAND, 1981).

Os elementos anteriormente citados sugerem que a criminalidade e a violência não estão distribuídas aleatoriamente em uma cidade, apresentando diferenças de uma região para outra, em função das características socioeconômicas e sociodemográficas dela. (MUSTAINE; TEWKSBURY, 1998). Logo, a criminalidade e a violência podem ser entendidas como um fenômeno socioespacial, pois apresentam uma dimensão social e outra espacial. Trata-se tanto dos locais em que ela se processa, ou seja, a influência desses espaços na sua construção, como também a influência dos modos de vida urbano. (MAGRINI, 2014).

Dentro desse contexto, espaços públicos onde há carros abandonados, terrenos baldios, lixo acumulado, prostituição, brigas, entre outros, influenciam na intensidade do medo da violência. Isso porque esses elementos estão associados ao vandalismo e à desordem, passando a imagem de que a área está em declínio e sem controle. (CROWL; BATTIN, 2016). Os autores ainda associam a esses fatores, a qualidade dos serviços públicos prestados pelo sistema de justiça e pela polícia, uma vez que, quando a população confia na capacidade dos responsáveis pela segurança pública em exercer o seu papel, ela tem maior confiança em seu trabalho e tende a cooperar mais nos casos em que a polícia necessita, e a ter menos medo de ser vítima de violência.

Além da violência real, a representação social da violência urbana também atua na produção e apropriação dos espaços urbanos, gerando novas percepções a respeito desses espaços. (MAGRINI, 2014). Isso ocorre, pois as representações sociais são sistemas de interpretação da realidade, que organizam as relações do indivíduo com o mundo e orienta as suas condutas e comportamentos no meio social.

Tal sistema de interpretação perpassa pelas formas de comunicação social e permite ao indivíduo, interiorizar as experiências, as práticas sociais e os modelos de conduta (PERRUSI, 1995). Logo, “as representações são sempre um produto da interação e comunicação e elas tomam sua forma e configuração específicas a qualquer momento, como uma consequência do equilíbrio específico desses processos de influência social. (MOSCOVICI, 2007, p. 21)”.

Com relação à representação social da violência urbana, trata-se de uma construção simbólica que seleciona e indica um complexo de práticas que ameaçam a integridade física e a garantia patrimonial, consideradas condições básicas do sentimento de segurança existencial que costuma acompanhar a vida cotidiana dos indivíduos. Além disso, embora a representação da violência urbana aponte para o crime comum, o seu foco está na força que tem as práticas violentas de modificar as

rotinas cotidianas dos indivíduos rompendo com a normalidade. Ao mesmo tempo, a representação da violência identifica relações de fato, mostra aos agentes modelos de conduta que devem ser seguidos (SILVA, 2016).

A partir da violência real e da representação social dela, o indivíduo perde a confiança na rua que, na perspectiva de Jacobs (2013), se dá, ao longo do tempo, pelos contatos públicos nas calçadas e pelas sociabilidades que se pode ter por meio das inúmeras práticas das pessoas que nela circulam. O espaço público passa a ser visto como o local onde o perigo está sempre presente, o lugar do estranho, do inóspito, onde já não há espaço para a população que pode habitar outros espaços, como os enclaves fortificados, nos termos de Caldeira (2008, p. 211), “espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho”. Esse é o caso dos espaços comerciais, das galerias e dos *shopping* centers, considerados espaços semipúblicos e que são marcados pelo horário de funcionamento, pela constante vigilância. E, que, não são acessíveis a qualquer hora e nem por qualquer um, apresentando códigos e normas de uso, onde o habitante é um potencial consumidor. (CARLOS, 2001).

Assim, na expectativa de não ser vítima de violência urbana, os indivíduos trocam os espaços públicos pelos espaços semipúblicos e privados, resultando no esvaziamento dos primeiros e na sua transformação em locais inutilizáveis e de interações conflituosas (BAUMAN, 2009), em que os indivíduos ficam atentos às situações de risco e adotam um comportamento diário para reduzir essa possibilidade. (RIBEIRO JUNIOR; QUEIROZ, 2015).

Dentro desse contexto, as estratégias de segurança utilizadas pelos moradores da cidade para não serem vítimas de violência urbana afetam não apenas a paisagem urbana, mas também os padrões de circulação, trajetórias diárias, hábitos e gestos relacionados aos usos da rua, do transporte público, dos parques e de todos os outros espaços públicos. Por outro lado, essa alteração não tem como deixar de acontecer em um ambiente dominado pelas grades, muros, guardas armados, ruas fechadas e câmeras de vídeo nos espaços antes ocupados pelos jardins. (CALDEIRA 2008).

A partir desse contexto, que tem tido atenção de estudiosos de diferentes áreas e que é voltado especialmente para as grandes metrópoles, procurarmos pensar esse fenômeno, na realidade de cidades médias, como Viçosa/MG. Nas páginas seguintes, buscamos analisar o tema a partir do olhar de jovens estudantes que residem nessa cidade, local onde foi realizada a pesquisa de campo.



3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 COLETA DOS DADOS E PROCEDIMENTOS DE AMOSTRAGEM

A pesquisa de campo foi realizada com jovens residentes na cidade de Viçosa, com faixa etária entre 15 e 29 anos. Para alcançar o maior número de jovens em diferentes bairros e para facilitar o processo de coleta de dados, optou-se por realizar a pesquisa nas escolas públicas e particulares. A coleta dos dados foi realizada via amostragem por conglomerados, sendo cada uma das escolas considerada como um conglomerado.

O planejamento da coleta de dados se iniciou por meio de visitas às escolas, visando obter a autorização para a realização da pesquisa e para determinar o número de alunos matriculados em cada escola. Com base nos registros das escolas, a população em estudo foi composta por 3.305 alunos. Para o cálculo do tamanho da amostra, utilizou-se uma margem de erro de 5% e o nível de confiança de 95%.

O tamanho amostral (n) foi calculado considerando que se trata de uma amostra de uma população finita, e que as respostas medidas foram de natureza qualitativa. De acordo com Miot (2011), o número de elementos da amostra pode ser obtido pela expressão:

$$n = \frac{Npq(Z_{\alpha/2})^2}{(N-1)(E)^2 + pq(Z_{\alpha/2})^2}$$

em que: $Z_{\alpha/2}$ é o valor crítico para o grau de confiança, e é o erro padrão, N é o tamanho da população finita, p representa a proporção de resultados favoráveis da variável na população, e q é dado por ($q = 1 - p$).

Como não foi realizado um estudo piloto, e não é de conhecimento estudos prévios que estimem a variância em estudos dessa natureza em Viçosa/MG, foi adotada uma proporção esperada de 50%. Segundo Agranonik e Hirakata (2011), essa proporção maximiza o tamanho amostral, gerando a maior variância possível (pq), sendo esta igual a 0,25. Assim, considerando os valores dos parâmetros e a expressão anterior, foi estimado um tamanho amostral de 344 estudantes.

Luiz e Magnanini (2000) sugerem que no caso da realização de uma amostragem por conglomerados, seja realizada uma correção no tamanho amostral, para que se obtenha a precisão desejada com a amostra em estudo. Com essa correção, o tamanho amostral foi aumentado em 50%.



Os autores também recomendam um acréscimo de 20%, como uma precaução no caso de perdas ou recusas. A partir do cálculo efetuado, a amostra da pesquisa foi formada por 618 indivíduos.

Finalizada a etapa anterior, foram agendados os dias e os horários para a realização da pesquisa nas escolas. Os alunos foram selecionados por meio de um sorteio sem reposição, primeiramente das turmas e em seguida dos alunos. Para os alunos que eram menores de 18 anos, foi entregue um Termo de Assentimento (exigido pelo Conselho de Ética da Universidade Federal de Viçosa) a ser assinado por um de seus responsáveis, concordando com a participação na pesquisa, e um Termo de Consentimento a ser assinado pelos maiores e menores de 18 anos, no dia da pesquisa, afirmando concordar em participar do estudo.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário. Em sua primeira parte, foram consideradas questões socioeconômicas, utilizadas para ajudar a situar os jovens entrevistados dentro de uma determinada classe econômica e, assim, entender melhor seus comportamentos, opiniões e representações sobre violência. Na segunda parte, foram avaliadas questões relacionadas à influência da violência nas relações sociais e ao uso dos espaços públicos.

3.2 VARIÁVEIS

As análises estatísticas foram realizadas considerando dois grupos de variáveis. O primeiro grupo foi composto por variáveis relacionadas à 1) identificação do espaço público frequentado (quer sejam praças e quadras esportivas do bairro, em outro bairro ou da UFV), as festas frequentadas abertas ao público (carnaval e *shows* no bairro) em outros bairros ou na UFV; 2) utilização de espaços semipúblicos, como: academia, *shopping*, cinema, clubes, bares, boates, forrós, quadras esportivas e igrejas.

O segundo grupo foi constituído por variáveis associadas ao tipo de violência sofrida: patrimonial (haver pertences roubados), física (envolvimento em brigas ou agressões físicas), em relação a si próprio (ter sido vítima de violência por parte da polícia militar) ou membros da família terem sido vítima de homicídio. Também buscou-se averiguar a atitude tomada mediante a violência sofrida: atitudes que evidenciem retraimento em relação à vida social (evitar sair à noite, não frequentar festas), comportamento de precaução em relação a determinados locais ou situações (evitar sair sozinho, evitar ir em locais sem segurança, evitar locais sem iluminação, evitar usar roupas, sapatos, relógios, ou qualquer outro elemento que chame a atenção), comportamentos de precauções em relação a pessoas estranhas (mudar de calçada quando sente uma possível situação de risco, não



confiar em pessoas estranhas, não confiar em pessoas estranhas e próximas, apenas em amigos e não confiar em ninguém que não seja um familiar.

Antes de realizar o ajuste dos modelos de regressão logística para cada uma das variáveis dependentes, o procedimento *stepwise* foi utilizado para selecionar as variáveis independentes significativas, que conduziram ao modelo com menor valor de AIC (Critério de informação de Akaike).

Além dessas variáveis, também foi utilizada a variável nominal Região Urbana de Planejamento⁸ (RUP): Acamari, Amoras, Bom Jesus, Cachoeirinha, Centro, Fátima, Fundão, Lourdes, Nova Era, Nova Viçosa, Passos, Santa Clara, Santo Antônio e Silvestre. As variáveis do primeiro grupo são todas de natureza ordinal, indicando a frequência (1 - Nunca, 2 - Raramente, 3 - Às vezes, 4 - Frequentemente ou 5 - Sempre) de utilização de cada espaço público ou semipúblico. Já as do segundo grupo, apresentam natureza binária (1 - Sim e 2 - Não).

Por fim, foram utilizados dados quantitativos e qualitativos dos Boletins de Ocorrência da 97ª Companhia Especial de Polícia Militar, sediada em Viçosa, e que se referiam aos roubos, homicídios e agressões físicas registrados na cidade⁹ entre os anos de 2013 e 2018.

3.3 PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS

Inicialmente, foi realizada uma análise exploratória dos dados, por meio de mapas, gráficos de barras e tabelas de frequências, buscando identificar aspectos relevantes associados às variáveis em estudo. Em seguida, foram realizados testes qui-quadrado e o ajuste de modelos de regressão logística múltipla.

Para analisar os dados estruturais, foi feita uma Análise Exploratória de Dados (AED), que diz respeito ao processo de uso das ferramentas estatísticas para investigar os dados com o objetivo de conhecê-los de forma mais profunda. Ao fazer isso, é possível identificar quaisquer características notáveis, principalmente aquelas que possam afetar profundamente os resultados e as conclusões da pesquisa. (GONÇALVES et. Al., 2013).

O teste qui-quadrado foi utilizado para avaliar se existe uma associação significativa entre as variáveis do primeiro grupo, e as regiões de planejamento. Dada a natureza ordinal ou nominal das variáveis, foi utilizado especificamente o teste assintótico de *qui-quadrado* de Pearson generalizado. Por meio desse teste, foram testadas as hipóteses nulas e alternativa, respectivamente, dadas por: não há associação entre as variáveis e há associação entre as variáveis, considerando o nível de significância de 5%.



O modelo de regressão logística múltipla (RLM) foi ajustado considerando o segundo grupo de variáveis. As variáveis associadas a atitude tomada mediante a violência, foram consideradas como variáveis dependentes, e as variáveis relacionadas ao tipo de violência como variável independente no modelo de regressão LBM. Ao todo, foram ajustados nove modelos separadamente, um para cada variável resposta.

Na regressão logística binária múltipla, a resposta é representada genericamente por Y_i , com: $i = 1, \dots, n$, e assume os valores 0 (se a resposta for não) ou 1 (se a resposta for sim). As variáveis independentes, neste estudo, são também binárias e, compõem a matriz $X_{n \times m}$, com n denotando o número de indivíduos e m o número de variáveis explicativas. O vetor $x'_i = (x_{i0}, x_{i1}, \dots, x_{im})$ representa a i -ésima linha da matriz $X_{n \times m}$, e o vetor $\beta' = (\beta_0, \beta_1, \dots, \beta_m)$ é composto pelos coeficientes a serem estimados, em que β_j é o j -ésimo coeficiente associado à variável explicativa x_j , com: $j = 1, \dots, m$. O modelo pode ser expresso por:

$$Z_i = \ln\left(\frac{\pi_i}{1 - \pi_i}\right) = \beta_0 + \sum_{j=1}^m \beta_j X_{ij}$$

em que: Z_i é o logito; $\pi_i = P(Y_i = 1)$ é a probabilidade da resposta sim; $1 - \pi_i = P(Y_i = 0)$ é a probabilidade da resposta não. Para comparar duas categorias de uma dada variável independente, mantendo as demais variáveis sobre controle no modelo, foi utilizada a razão de chances (odds ratio) dada por e^β , com intervalo de confiança de 95%.

A confecção dos mapas foi feita no programa QGIS, Sistema de Informação Geográfica (SIG) e as análises estatísticas foram realizadas no software R (R Development 2019), com o auxílio dos pacotes: dplyr, MASS, rcompanion, coin.

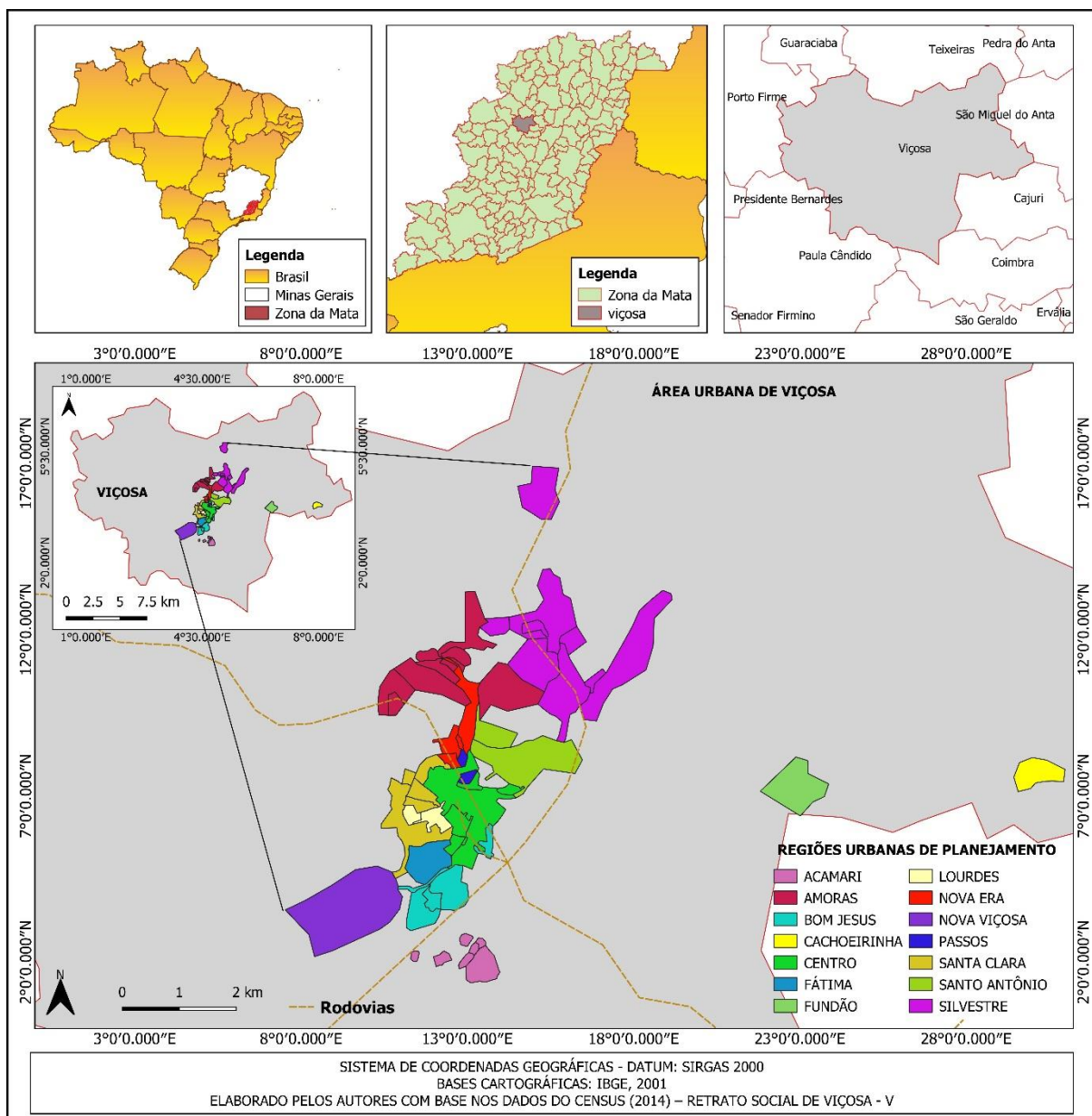
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO E DO LOCAL DE ESTUDO

Considerada uma cidade média, Viçosa, em 2018, possuía uma população estimada em 78.286 habitantes, a maior parte concentrada na área urbana (IBGE, 2019). Como pode ser visto na Figura 1, o município está localizado na Zona da Mata do estado de Minas Gerais, possui área territorial de 299,314 km², e em seu limite encontram-se os municípios de Teixeira, Guaraciaba, Paula Cândido, Coimbra, Cajuri, São Miguel do Anta e Porto Firme.



Figura 1 – Localização do município de Viçosa no Estado de Minas Gerais.



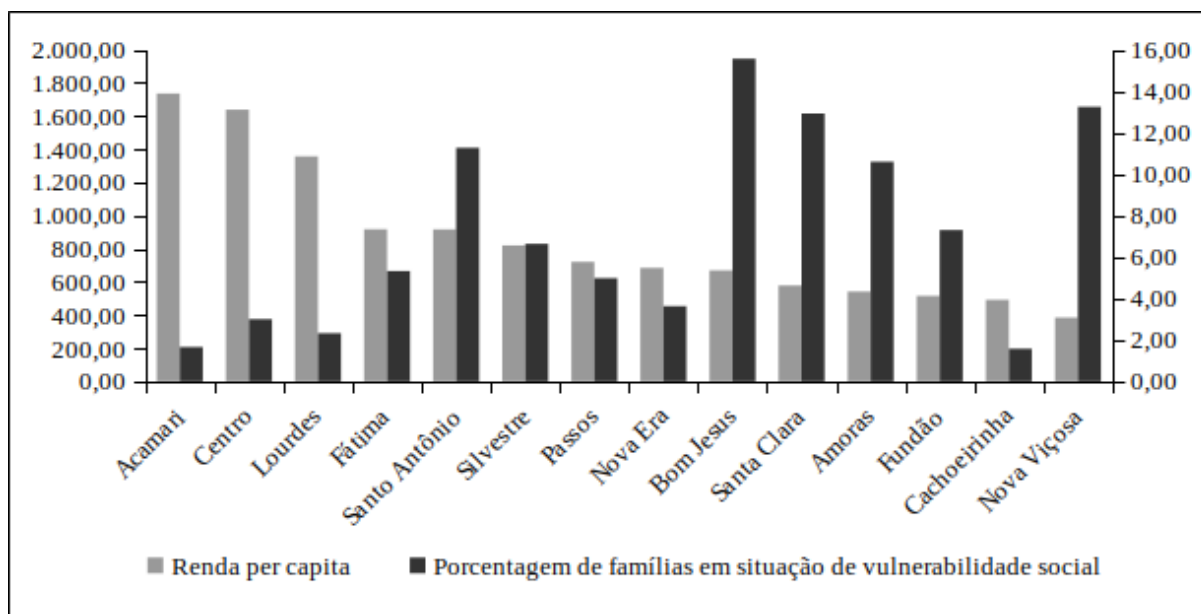
Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados do IBGE (2001) e do CENSUS (2014), 2019.

A cidade é composta por 4 distritos e 55 bairros, sendo os distritos: a sede, Silvestre, Cachoeira de Santa Cruz e São José do Triunfo. De acordo com o CENSUS (2014), os bairros e distritos de Viçosa apresentam características socioespaciais que permitem o seu agrupamento em RUP (Regiões Urbanas de Planejamento), que como visto na Figura 1 são: Acamari, Centro, Bom Jesus, Nova Viçosa, Fátima, Lourdes, Santa Clara, Passos, Santo Antônio, Nova Era, Amoras, Silvestre, Fundão e Cachoeirinha.

Os 618 jovens que participaram da pesquisa eram provenientes das RUPs anteriormente citadas. A análise do perfil socioeconômico desses jovens revelou que 59% (367) era do sexo feminino e 41% (251) do sexo masculino. Do total de jovens do sexo feminino, 40% (147) se declarou de cor branca e 56% (207) de cor negra ou parda, já os jovens do sexo masculino, do total de entrevistados, 38% (95) se declarou de cor branca e 56% (141) de cor negra ou parda. Com relação ao restante dos entrevistados, eles se declararam como indígena ou oriental.

Os dados do Censur (2014) evidenciam a presença de diversas diferenças entre as RUP onde residem os jovens entrevistados. Entre essas diferenças, destaca-se a renda per capita e a situação de vulnerabilidade social (Gráfico 1). Nota-se, pelo gráfico, que as maiores rendas per capita foram registradas nas RUP: Acamari, R\$ 1.735,40; Centro, R\$ 1.638,01 e; Lourdes, R\$ 1.356,84. Já as menores rendas, valores inferiores ao salário mínimo vigente (R\$ 998,00) no ano de 2019, foram registados em todas as outras regiões, sendo o menor valor na RUP Nova Viçosa (R\$ 384,32).

Gráfico 1 – Renda per capita e vulnerabilidade social nas RUP onde residem os jovens entrevistados – 2013.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados do CENSUS (2014), 2019.

Como dito anteriormente, a vulnerabilidade social é outro elemento que caracteriza e diferencia as Regiões Urbanas de Planejamento e pode ser entendida, segundo Abramovay (2002), como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade de recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas

e culturais providas pelo Estado, pelo mercado e pela sociedade. Os dados do Censo (2014) sobre a vulnerabilidade social¹⁰ evidenciam que existem em Viçosa 2.671 famílias em situação de vulnerabilidade, sendo as maiores porcentagens nas RUPs: Bom Jesus (15,57%), Nova Viçosa (13,25%) e Santa Clara (12,92%). Essas três regiões apresentam pouca infraestrutura, poucos serviços e equipamentos públicos, principalmente as RUPs Nova Viçosa e Santa Clara, que estão distantes do centro da cidade e apresentam maior dificuldade de acesso.

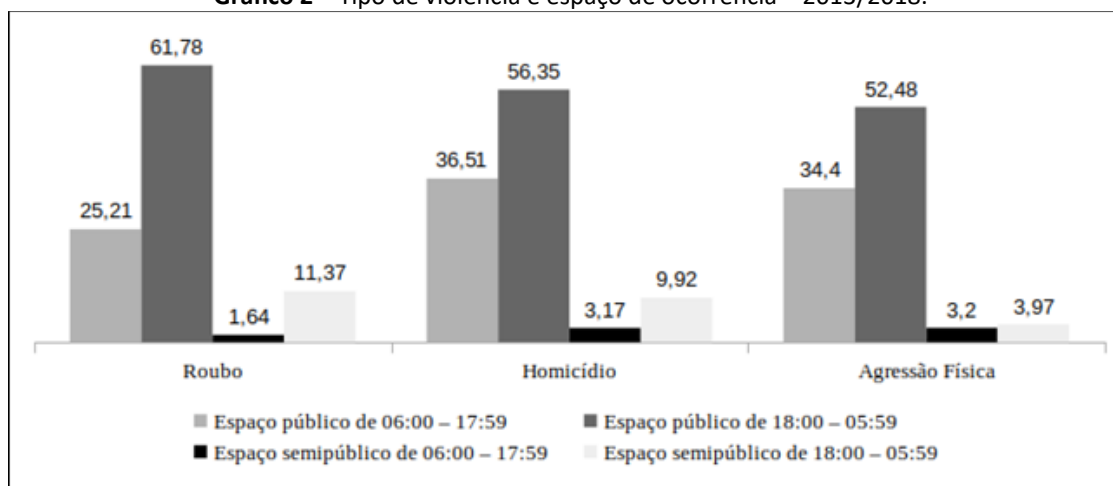
Com relação às menores porcentagens de famílias em situação de vulnerabilidade social, nota-se que estas se concentram nas RUPs: Acamari (1,57%), Lourdes (2,32%) e Centro (3%). Essas regiões estão próximas da área central da cidade e apresentam as maiores rendas per capita da região, mais infraestrutura, equipamentos públicos e serviços, bem como localização privilegiada.

4.2 A VIOLÊNCIA URBANA EM VIÇOSA, O USO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS E AS SOCIABILIDADES

Assim como tem acontecido em diversas cidades brasileiras, a violência urbana em Viçosa tem sido constante. Dados da 97ª Companhia Especial de Polícia Militar de Minas Gerais revelam que entre os anos de 2013 e 2018, houve 2.694 casos de homicídios, roubos e agressões físicas registrados na cidade. Entre os locais de maior ocorrência, destacam-se os espaços públicos como: ruas e praças, e os espaços semipúblicos de lazer, tais como clubes, bares e boates.

De acordo com os dados, dos 2.694 casos de violência registrados, 52% (1.604) ocorreram nos espaços públicos e 7% (202) nos espaços semipúblicos. Com relação à violência nos espaços públicos, nota-se que 57,73% dos casos de violência ocorreram no horário de 18h as 5:59 da manhã – período que, conforme evidencia o Gráfico 2, se registraram 61,78% dos roubos, 52,48% das agressões físicas e 56,35% dos homicídios.

Gráfico 2 – Tipo de violência e espaço de ocorrência – 2013/2018.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da 97ª Companhia Especial de Polícia Militar de Minas Gerais (2013/2018), 2019.

Esse também é o horário de menor circulação de pessoas nesses espaços, elemento que facilita a ocorrência de determinado tipo de violência que, para ocorrer, precisa de uma possível vítima e que o local esteja deserto. (CECCATO, 2016). Em relação aos espaços semipúblicos de lazer, nota-se uma baixa porcentagem dos casos de violência ocorridos nessas áreas, sendo que, a maioria, ocorreu no período noturno, sendo estes: 11,37% dos roubos, 9,92% dos homicídios e 3,97% das agressões físicas.

O tempo de lazer é importante na vida do jovem, pois é nesse momento que eles constroem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbologias e modos de ser que os fazem diferentes do mundo adulto. Nesse sentido, o lazer é o tempo sociológico em que a liberdade de escolha é elemento importante e na fase da juventude é essencial para se constituir as identidades, descobrir potencialidades humanas e inserção efetiva nas relações sociais. Logo, “as diferentes práticas de experiência coletiva em espaços sociais públicos de cultura e lazer podem ser consideradas como verdadeiros laboratórios onde se processam experiências e se produzem subjetividades”. (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2008, p. 177).

Ao se analisar os espaços públicos e semipúblicos destinados ao lazer, utilizados pelos jovens de Viçosa (Tabela 1), considerando a frequência de utilização (raramente, às vezes, frequentemente e sempre), as praças e quadras esportivas da UFV (Universidade Federal de Viçosa) foram os locais utilizadas por 83,27% (482) dos jovens e, em segundo lugar, as festas abertas ao público como carnaval e *shows*, também na UFV, conforme manifestaram 68,36% (402).

Tabela 1 – Espaços públicos e semipúblicos frequentados pelos entrevistados – 2019.

| Tipo de espaço | Frequência de utilização | | | | | P-valor |
|---|------------------------------|------------------------------|------------------------------|-----------------------------|----------------------------|------------------|
| | Nunca | Raramente | Às vezes | Frequentemente | Sempre | |
| Praças e quadras esportivas do bairro | 251 (43,35) | 149 (25,73) | 103 (17,79) | 44 (7,60) | 32 (5,53) | <0,001 |
| Praças e quadras esportivas em outro bairro | 297 (55,42) | 131 (23,56) | 98 (17,63) | 25 (4,5) | 5 (0,9) | 0.6992 |
| Praças e quadras esportivas da UFV | 100 (17,18) | 182 (31,27) | 204 (35,05) | 65 (11,17) | 31 (5,33) | 0.08566 |
| Festas abertas ao público no bairro | 209 (35,85) | 126 (21,61) | 118 (20,24) | 76 (13,03) | 54 (9,26) | 0.01076 |
| Festas abertas ao público em outros bairros | 189 (32,09) | 150 (25,47) | 137 (23,26) | 70 (11,89) | 43 (7,30) | 0.0738 |
| Festas abertas ao público na UFV | 186 (31,63) | 150 (25,51) | 142 (24,15) | 69 (11,73) | 41 (6,97) | 0.5613 |
| Boates | 284 (79,11) | 32 (8,91) | 24 (6,69) | 8 (2,23) | 11 (3,06) | 0.1113 |

| | | | | | | |
|--------------------|----------------|----------------|----------------|---------------|----------------|------------------|
| Forrós | 263 (71,47) | 40 (10,87) | 37 (10,05) | 12 (3,26) | 16 (4,35) | <0,001 |
| Academia | 199 (48,42) | 32 (7,79) | 46 (11,19) | 61 (14,84) | 73 (17,76) | <0,001 |
| Clubes | 147 (35,85) | 117 (28,54) | 76 (18,54) | 44 (10,73) | 26 (6,34) | 0.02866 |
| Bares | 152 (35,51) | 93 (21,73) | 97 (22,66) | 51 (11,92) | 35 (8,18) | 0.2798 |
| Quadras esportivas | 121 (26,83) | 130 (28,82) | 118 (26,16) | 48 (10,64) | 34 (7,54) | 0.009671 |
| Cinema | 52 (9,76) | 229 (42,96) | 203 (38,09) | 35 (6,57) | 14 (2,63) | 0,0357 |
| Igrejas | 38 (7,42) | 73 (14,26) | 124 (24,22) | 128 (25,0) | 149 (29,10) | 0.01433 |
| Shopping | 23 (4,28) | 166 (30,86) | 228 (42,38) | 84 (15,61) | 37 (6,88) | 0.129 |

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa de campo (2018).

Nota-se que, para essas variáveis, o p-valor assumiu valores superiores a 0,05, indicando que não existe diferenças significativas na utilização dos espaços públicos da UFV pelos jovens das diferentes RUPs. A grande porcentagem de jovens que tem a UFV como opção de lazer pode ser reflexo do histórico da cidade, como sendo carente de áreas de lazer gratuitas para os jovens como, por exemplo, praças e parques nos bairros da cidade, estando o campus da UFV cumprindo essa função. (SOUZA, 2016).

A falta de espaços públicos destinados ao lazer para a população, principalmente para os jovens, é uma característica de muitas cidades brasileiras e é resultado da lógica capitalista que impera, e, que o valor de uso da terra é submetido ao valor de troca. Segundo Carlos (2001), essa lógica resultou na proliferação de espaços privatizados e uma pequena proporção de áreas destinadas ao uso comum. Sobre o assunto comenta a autora: “Assim, cada vez mais o uso dos lugares da cidade está submetido à lógica do valor de troca e o lazer e o flunar; o corpo e os passos são restritos a lugares normatizados, privatizados, vigiados (caso do shopping center).” (2001, p. 14).

Em terceiro lugar, entendido como frequentado por 67,92% (400) dos jovens, estão as festas abertas ao público como carnaval e *shows* em outros bairros da cidade e, em quarto lugar, identificado como muito frequentado por 64,14% (374) dos jovens entrevistados, as festas abertas ao público como carnaval e *shows* no próprio bairro de residência. Nesse caso, o p-valor foi menor do que 0,05, indicando que houve diferença significativa na frequência de utilização pelos jovens das RUPs.

Com relação aos espaços semipúblicos, o mais frequentado, segundo 95,73% (515) dos jovens, foi o *shopping*; em segundo lugar, a igreja, conforme afirmou 92,58% (474) dos entrevistados e, em terceiro lugar, o cinema, para 90,25% (481) dos jovens. Havendo diferenças significativa (p-valor <0,05) na frequência de utilização apenas da igreja e do cinema.

No que tange aos outros espaços semipúblicos frequentados, os locais onde a entrada era permitida apenas para sócios ou mediante o pagamento na entrada (caso do cinema que foi anteriormente citado) apresentaram frequência de utilização inferior aos outros locais. Registra-se que houve diferenças significativas (p-valor <0,05) na frequência de utilização dos seguintes espaços: locais onde se dançava forró, academias, clubes, e quadras esportivas.

Na visão de Brenner, Dayrell, Carrano (2008), a desigualdade econômica tem reflexo sobre a qualidade do tempo livre, no precário acesso a bens, serviços e espaços públicos de lazer e cultura da maioria dos jovens brasileiros. Neste sentido, dentro de um quadro de profundas restrições orçamentárias tanto da família, como do Estado, as atividades de lazer e cultura são entendidas como algo supérfluo ou privilégio de poucos.

Entretanto, como afirma Silva e Botelho (2015), a questão econômica não pode ser utilizada como único fator explicativo para a frequência em atividades de lazer e cultura. A disponibilidade de tempo, a rede de relações sociais e a orientação cultural são elementos importantes, pois há situações em que a disponibilidade social e o pertencimento a uma rede de sociabilidade são fatores decisivos na opção pela prática de uma atividade pelo jovem.

Ao analisar a segurança que os jovens atribuem aos espaços semipúblicos que frequentavam, percebeu-se que esses espaços eram considerados por eles como seguros. Assim, a igreja foi considerada como local mais seguro por 58,25% dos jovens; o cinema, o segundo lugar mais seguro, de acordo com 56,8% dos entrevistados, e o *shopping*, o terceiro, para 46,93% dos jovens entrevistados.

Ao serem indagados se já foram vítimas ou tiveram algum membro da família como vítima de roubos, agressões físicas ou homicídios na cidade, percebeu-se, conforme evidenciado na Tabela 2, que em relação aos roubos, as maiores vítimas eram as pessoas residentes nas RUP: Centro (21,07%), Santo Antônio (13,41%) e Bom Jesus (10,73%).



Tabela 2 – Porcentagem de jovens por RUP que foram vítimas de algum tipo de violência ou tiveram algum membro da família como vítima – 2019.

| Região Urbana de Planejamento | Tipo de violência | | | | | | | |
|-------------------------------|----------------------------|--------------|--------------------------------------|--------------|--|--------------|--|--------------|
| | Teve os pertences roubados | | Teve um familiar vítima de homicídio | | Se envolveu em brigas/ agressões físicas | | Foi vítima de violência da Polícia Militar | |
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| Acamari | 8 | 3,07 | 0 | 0,00 | 1 | 0,75 | 1 | 1,39 |
| Amoras | 22 | 8,43 | 7 | 10,29 | 9 | 6,72 | 6 | 8,33 |
| Bom Jesus | 28 | 10,73 | 10 | 14,71 | 14 | 10,45 | 13 | 18,06 |
| Cachoeirinha | 5 | 1,92 | 4 | 5,88 | 6 | 4,48 | 4 | 5,56 |
| Centro | 55 | 21,07 | 2 | 2,94 | 10 | 7,46 | 1 | 1,39 |
| Fátima | 9 | 3,45 | 2 | 2,94 | 9 | 6,72 | 5 | 6,94 |
| Fundão | 11 | 4,21 | 8 | 11,76 | 10 | 7,46 | 6 | 8,33 |
| Lourdes | 7 | 2,68 | 0 | 0,00 | 1 | 0,75 | 0 | 0,00 |
| Nova Era | 15 | 5,75 | 6 | 8,82 | 9 | 6,72 | 4 | 5,56 |
| Nova Viçosa | 13 | 4,98 | 11 | 16,18 | 19 | 14,18 | 11 | 15,28 |
| Passos | 7 | 2,68 | 1 | 1,47 | 7 | 5,22 | 2 | 2,78 |
| Santa Clara | 21 | 8,05 | 7 | 10,29 | 13 | 9,70 | 10 | 13,89 |
| Santo Antônio | 35 | 13,41 | 8 | 11,76 | 10 | 7,46 | 3 | 4,17 |
| Silvestre | 25 | 9,58 | 2 | 2,94 | 16 | 11,94 | 6 | 8,33 |
| TOTAL | 261 | 100,00 | 68 | 100,00 | 134 | 100,00 | 72 | 100,00 |

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa de campo (2018).

A alta porcentagem de pessoas da RUP Centro, vítimas de roubo, pode estar associada ao fato dela concentrar as maiores rendas da cidade. Essa realidade corrobora com as afirmações de Hermes e Brandão (2014), de que o roubo está intrinsecamente relacionado a questões de ordem econômica. Dados que também condizem com os estudos desenvolvidos por Cano (1997), na cidade do Rio de Janeiro, onde os resultados evidenciaram que as regiões de maior ocorrência de roubos, eram as regiões de maior renda e com melhor infraestrutura e equipamentos públicos, habitada, geralmente, pela população de classe social elevada. Com relação a menor porcentagem de vítimas de roubo, essa foi registrada na RUP Cachoeirinha (1,92%), região de renda baixa e com valores elevados de vulnerabilidade social quando comparada as RUPs Centro, Acamari e Lourdes.

Já o número de vítimas de roubo prevaleceu na RUP Centro, sendo que as vítimas de homicídios foram mais identificadas nas regiões periféricas, com pouca infraestrutura e alta vulnerabilidade social, caso das RUPs: Nova Viçosa (16,18%) e Bom Jesus (14,71%). Valores altos também foram identificados nas RUPs: Fundão (11,76%), Santo Antônio (11,76%), Amoras (10,29) e Santa Clara (10,29).



O alto índice de homicídios em algumas regiões da cidade, mais do que em outras, tem sido muito debatido na atualidade, Velho (2000) e Cavalcanti (2017) relacionam os altos índices de homicídios às ações do tráfico ilícito de drogas e à circulação de armas de fogo. Segundo eles, esses elementos, por gerarem renda e visibilidade frente à população, tem atraído muitos jovens brasileiros, geralmente, moradores de áreas ocupadas irregularmente, com baixa presença do Estado e alta vulnerabilidade social. (VIEIRA et al, 2016).

No caso de Viçosa, os dados evidenciam que os homicídios também estão concentrados nas regiões onde as ações do tráfico ilícito de drogas e a circulação de armas de fogo são elevados. Das 396 ocorrências de tráfico ilícito de drogas registradas entre os anos de 2013 e 2018, a RUP Bom Jesus teve a maior porcentagem de casos (22,22%), seguida pela RUP Santo Antônio (11,36%). Já em relação à circulação de armas de fogo, percentuais elevados foram percebidos exatamente nas regiões onde se registraram casos de tráfico. Dos 144 casos de circulação de armas de fogo identificados, as maiores porcentagens se concentraram nas RUPs: Bom Jesus (17,4%), Santa Clara (13,9%) e Santo Antônio (12,5%).

Em relação às menores porcentagens de casos de homicídios, nenhum caso foi identificado nas RUPs Acamari e Lourdes que, como foi dito anteriormente, juntamente com a RUP Centro, apresentam menor vulnerabilidade social, maior renda per capita e mais infraestrutura, serviços e equipamentos públicos.

Com relação às agressões físicas, as maiores vítimas foram os jovens das RUPs Nova Viçosa (14,18), Silvestre (11,94%) e Bom Jesus (10,45%). Já os menores registros foram na RUPs Acamari e Lourdes (0,75%). Para Cano (1998), ao contrário dos roubos e dos homicídios, as agressões físicas não possuem um padrão definido, sendo as vítimas pessoas de diversas classes econômicas. Entretanto, as agressões físicas perpetradas pela polícia têm um padrão definido. Geralmente, as vítimas são os jovens entre 15 e 29 anos, de classe econômica baixa e, em sua maioria, moradora de favela e áreas periféricas. (SINHORETTO, 2015).

Dentro desse contexto, observa-se que existem diferentes representações sobre a polícia, como evidenciado no estudo de Cardia (2003), em que para a população menos exposta à violência policial – classes econômicas de renda elevada, moradora das áreas com mais infraestrutura e equipamentos públicos – a polícia é vista como educada, ágil no auxílio às vítimas de violência e mantém o bairro tranquilo. Já para os mais expostos a violência policial, caso dos moradores de áreas onde a renda da população é baixa, geralmente favelas e áreas periféricas, a polícia é representada



como não educada, truculenta com os jovens e que não consegue manter as ruas do bairro seguras e aparenta ter medo do tráfico ou ter relação com ele, protegendo os criminosos.

Situação parecida foi observada também no estudo desenvolvido por Dammert (2019), que concluiu que a confiança na polícia variava conforme a situação socioeconômica do indivíduo, de forma que os indivíduos que demonstravam maior confiança na polícia eram os pertencentes às classes econômicas elevadas. Já os que menos confiavam eram os de extratos sociais baixos e dependentes do trabalho da polícia, pela falta de segurança privada e pela situação de precariedade.

No caso dos jovens de Viçosa, as maiores porcentagens dos jovens que disseram ter sido vítimas de violência por parte da polícia ou tiveram algum membro da família como vítima, foram das RUPs: Bom Jesus (18,06%), Nova Viçosa (15,28%) e Santa Clara (13,89%). Essas regiões, como dito anteriormente, apresentam renda mais baixa e alta vulnerabilidade, quando relacionadas às RUP Centro, Acamari e Lourdes, as quais apresentaram as seguintes porcentagens de vítimas de agressões pela polícia: Centro e Lourdes, 1,39% em cada uma, e Acamari, nenhum registro.

O elevado número de jovens das RUPs vítimas de violência pela polícia ou que tiveram algum membro da família como vítima apenas reitera a representação desses jovens sobre a polícia, vista como elitista, violenta e preconceituosa, conforme evidenciam os dados: 1) abordar apenas pobres, segundos os jovens das RUPs: Amoras (41,7%), Nova Viçosa (39,4%), Bom Jesus (39,2%) e Santa Clara (38,1%); 2) atuar violentamente, de acordo com os jovens das RUP: Nova Viçosa (39,4%), Santa Clara (33,3%), Passos (33,3), Cachoeirinha (33,3%), Amoras (25,4%), Bom Jesus (27,5%), Santo Antônio (27,1%) e; 3) ser preconceituosa, afirmação dada pelos jovens das RUP: Cachoeirinha (44,4%), Bom Jesus (37,3%) e Nova Viçosa (36,4%).

Tal situação tende a aumentar ainda mais o medo de ser vítima de violência, visto que o medo está intrinsecamente ligado à confiança, de forma que quando a população confia na capacidade das instituições formais de controle social de exercerem seu papel, elas se sentem menos inseguras e com menos medo. (DAMMERT, 2019). Entretanto, quando a relação entre ambas é fragmentada, nota-se que a população tende a não confiar na polícia e a não cooperar com ela na resolução de crimes e casos de violência. (CROWL; BATTIN, 2016). Como consequência, ela também sente mais medo de ser vítima de violência. (DAMMERT, 2019).

Assim, partir das situações de violência vivenciadas e conhecidas, o indivíduo elabora representações sobre a violência na cidade, as quais o leva a se sentir inseguro e com medo. Segundo Baierl (2008), esse sentimento de medo que é proveniente da imaginação, para o sujeito, se coloca como algo realmente possível.



Essa perspectiva se coloca nos dados da pesquisa ao analisar o medo que os jovens estudados têm de serem vítimas de violência nas suas atividades cotidianas (Tabela, 3). Observou-se que, dos 618 jovens, 66% (406) tem medo de ser vítima de violência quando sai para se divertir, e os que mais demonstraram esse medo foram os jovens das RUPs Centro (20,94%), Santo Antônio (11,58%) e Bom Jesus (10,59%).

Tabela 3 – Associação entre a RUP do entrevistado e o medo ao realizar as suas atividades cotidianas – 2019.

| Região Urbana de Planejamento | Atividade cotidiana que gera medo | | | | | | | |
|-------------------------------|-----------------------------------|--------------|-----------------------------|--------------|-------------------------|--------------|--------------------------|--------------|
| | Quando utiliza o ônibus | | Quando sai para se divertir | | Quando sai para estudar | | Quando sai para caminhar | |
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| Acamari | 11 | 4,09 | 13 | 3,20 | 9 | 4,23 | 12 | 4,62 |
| Amoras | 25 | 9,29 | 40 | 9,85 | 21 | 9,86 | 22 | 8,46 |
| Bom Jesus | 30 | 11,15 | 43 | 10,59 | 25 | 11,74 | 22 | 8,46 |
| Cachoeirinha | 7 | 2,60 | 9 | 2,22 | 6 | 2,82 | 7 | 2,69 |
| Centro | 47 | 17,47 | 85 | 20,94 | 43 | 20,19 | 51 | 19,62 |
| Fátima | 13 | 4,83 | 15 | 3,69 | 7 | 3,29 | 12 | 4,62 |
| Fundão | 12 | 4,46 | 21 | 5,17 | 4 | 1,88 | 6 | 2,31 |
| Lourdes | 14 | 5,20 | 17 | 4,19 | 11 | 5,16 | 13 | 5,00 |
| Nova Era | 14 | 5,20 | 17 | 4,19 | 8 | 3,76 | 10 | 3,85 |
| Nova Viçosa | 12 | 4,46 | 25 | 6,16 | 13 | 6,10 | 14 | 5,38 |
| Passos | 9 | 3,35 | 11 | 2,71 | 9 | 4,23 | 11 | 4,23 |
| Santa Clara | 19 | 7,06 | 27 | 6,65 | 12 | 5,63 | 15 | 5,77 |
| Santo Antônio | 29 | 10,78 | 47 | 11,58 | 25 | 11,74 | 41 | 15,77 |
| Silvestre | 27 | 10,04 | 36 | 8,87 | 20 | 9,39 | 24 | 9,23 |
| TOTAL | 269 | 100,00 | 406 | 100,00 | 213 | 100,00 | 260 | 100,00 |

Fonte: Elaborada pelos autores no ano de 2019, com base nos dados da pesquisa de campo (2018).

Os dados apresentados evidenciam que o medo de ser vítima de violência é um problema que atinge a maioria dos jovens de Viçosa e que independe da condição econômica do entrevistado, visto que apresentam esse medo os jovens das regiões de renda baixa e também os de regiões de renda alta. No entanto, indivíduos que já foram vítimas de violência tendem a ter mais medo de ser vítima novamente do que aqueles que nunca foram vítimas, caso dos jovens das regiões de renda mais baixa como Santo Antônio e Bom Jesus.

Em segundo lugar, o uso dos serviços de transportes coletivos disponíveis nas RUPs associadas às regiões de maior vulnerabilidade socioeconômica e de infraestrutura foi relacionado aos fatores que sedimentam a insegurança dos jovens entrevistados. O medo de utilizar o ônibus, na visão de 44%



dos jovens (269), foi destaque para os jovens das RUPs Centro (17,47%), Bom Jesus (11,15%), Santo Antônio (10,78%) e Silvestre (10,04%). Em terceiro lugar, está o medo ao sair para caminhar, segundo 42% (260) dos jovens, principalmente, os residentes nas RUPs Centro (19,62%) e Santo Antônio (15,77%). Por fim, em quarto lugar, chamou atenção o medo de ser vítima de violência ao sair para estudar: dos 34% (213) jovens que disseram ter esse sentimento, a maioria reside nas RUPs Centro (20,19%), Bom Jesus (11,74%) e Santo Antônio (11,74%).

Nota-se por esses dados que o medo de ser vítima de violência nas diferentes situações não atinge os jovens das RUP da mesma forma. Assim, os jovens das RUPs Centro, Bom Jesus e Santo Antônio, de forma geral, são os que mais demonstraram esse medo. As regiões dos jovens entrevistados são regiões diferentes em termos de renda per-capita e situação de vulnerabilidade social. Nas três RUPs, os jovens que têm mais medo de ser vítima de violência são os que, na sua maioria, foram vítimas de violência ou tinham algum membro da família como vítima.

O medo de ser vítima de violência também foi identificado nos estudos de Cardia (2003), ganhando destaque o medo de: caminhar pelas ruas com ou sem companhia em qualquer horário; sair à noite e; conversar com os vizinhos e permitir que seus filhos brinquem com eles. Nesses casos, as estratégias de proteção da violência foram mudar o trajeto da casa para o trabalho ou escola e evitar algumas linhas de ônibus. Arantes (2015) também fala sobre o assunto, chamando a atenção para a experiência vivenciada em Salvador afirmando que, na atualidade, lá “vive-se, na prática, uma experiência cotidiana do temor, do cuidado, do olhar para os lados, do desconfiar dos outros e, principalmente, de evitar determinados espaços, em alguns dias ou em horas específicas”. (ARANTES, p. 13, 2015).

O medo da violência é um sentimento que sufoca, estressa, leva ao isolamento e ao individualismo, pois as pessoas acreditam que a violência está em todo lugar, até mesmo nas instâncias em que elas pensam ter domínio. (SANTOS; RAMIRES, 2009). Assim, na expectativa de não ser vítima de violência, o indivíduo modifica a sua conduta do dia a dia, a sua forma de se relacionar com outros indivíduos e com o próprio espaço. Nesse contexto, as relações com os outros indivíduos, cada vez mais, são reduzidas aos contatos interpessoais e carregadas de desconfiança, medo, insegurança e tendendo a serem evitadas sempre quando possível (SILVA, 2010).

Ao analisar a conduta que os jovens entrevistados tiveram nas situações de violência vivenciadas (como vítima ou associadas a um membro da família como vítima), a maior alteração de conduta a partir de uma violência sofrida foi “não ter confiança em pessoas estranhas” (Tabela 4). Essa

posição foi assumida por 367 jovens, a maioria deles residentes nas RUP Centro (16,35%), Santo Antônio (12,62%), Bom Jesus (11,44%) e Santa Clara (10,35%).



Rev. Dir. Cid., Rio de Janeiro, Vol. 14, N.02., 2022, p. 820-854.

André Luis Gomes, Neide Maria de Almeida Pinto, Ana Louise de Carvalho
Fiúza e Geraldo Magela da Cruz Pereira

DOI: 10.12957/rdc.2022.54998 | ISSN 2317-7721

Tabela 4 - Conduta cotidiana modificada em função de alguma situação de violência vivenciada – 2019.

| RUP | Conduta cotidiana modificada | | | | | | | | | | |
|---------------|------------------------------|--------------------|--------------------|---------------------------------|----------------------------------|---------------------|---|--------------------|----------------------|--------------------------|------------------------------|
| | Sair à noite | Sair só | Frequentar Festa | Frequentar locais sem Segurança | Frequentar locais Sem iluminação | Falar com Estranhos | Usar roupas e outros elementos chamativos | Mudar de Calçada | Confiar em Estranhos | Confiar apenas em Amigos | Confiar apenas em familiares |
| Acamari | 7 3,2 | 11 3,94 | 1 1,15 | 10 3,77 | 9 2,93 | 11 3,55 | 6 3,28 | 10 2,95 | 11 3 | 6 3,06 | 0 0 |
| Amoras | 26 11,87 | 28 10,04 | 14 16,09 | 34 12,83 | 35 11,4 | 36 11,61 | 17 9,29 | 34 10,03 | 36 9,81 | 22 11,22 | 15 14,71 |
| Bom Jesus | 21 9,59 | 32 11,47 | 12 13,79 | 24 9,06 | 32 10,42 | 33 10,65 | 17 9,29 | 33 9,73 | 42 11,44 | 31 15,82 | 20 19,61 |
| Cachoeirinha | 1 0,46 | 4 1,43 | 1 1,15 | 3 1,13 | 4 1,3 | 6 1,94 | 3 1,64 | 5 1,47 | 7 1,91 | 3 1,53 | 2 1,96 |
| Centro | 41 18,72 | 50 17,92 | 8 9,2 | 50 18,87 | 61 19,87 | 54 17,42 | 40 21,86 | 68 20,06 | 60 16,35 | 32 16,33 | 9 8,82 |
| Fatima | 6 2,74 | 8 2,87 | 3 3,45 | 6 2,26 | 10 3,26 | 8 2,58 | 9 4,92 | 11 3,24 | 10 2,72 | 9 4,59 | 3 2,94 |
| Fundão | 10 4,57 | 15 5,38 | 4 4,6 | 11 4,15 | 12 3,91 | 19 6,13 | 5 2,73 | 19 5,6 | 25 6,81 | 3 1,53 | 9 8,82 |
| Lourdes | 5 2,28 | 3 1,08 | 2 2,3 | 8 3,02 | 7 2,28 | 6 1,94 | 4 2,19 | 9 2,65 | 9 2,45 | 2 1,02 | 0 0 |
| Nova Era | 13 5,94 | 16 5,73 | 5 5,75 | 13 4,91 | 16 5,21 | 13 4,19 | 10 5,46 | 16 4,72 | 17 4,63 | 9 4,59 | 1 0,98 |
| Nova Viçosa | 15 6,85 | 14 5,02 | 9 10,34 | 12 4,53 | 18 5,86 | 20 6,45 | 10 5,46 | 22 6,49 | 20 5,45 | 14 7,14 | 9 8,82 |
| Passos | 8 3,65 | 11 3,94 | 2 2,3 | 11 4,15 | 10 3,26 | 12 3,87 | 6 3,28 | 11 3,24 | 14 3,81 | 7 3,57 | 7 6,86 |
| Santa Clara | 22 10,05 | 27 9,68 | 11 12,64 | 25 9,43 | 29 9,45 | 27 8,71 | 21 11,48 | 33 9,73 | 38 10,35 | 18 9,18 | 10 9,8 |
| Santo Antônio | 26 11,87 | 35 12,54 | 8 9,2 | 32 12,08 | 40 13,03 | 38 12,26 | 20 10,93 | 38 11,21 | 45 12,26 | 16 8,16 | 7 6,86 |
| Silvestre | 18 8,22 | 25 8,96 | 7 8,05 | 26 9,81 | 24 7,82 | 27 8,71 | 15 8,2 | 30 8,85 | 33 8,99 | 24 12,24 | 10 9,8 |
| Total Geral | 219 100 | 279 100 | 87 100 | 265 100 | 307 100 | 310 100 | 183 100 | 339 100 | 367 100 | 196 100 | 102 100 |

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa de campo (2018).

Em segundo lugar, os jovens consideram “mudar de calçada quando sente uma possível situação de perigo”, atitude tomada por 339 jovens, principalmente das RUPs: Centro (20,06%), Santo Antônio (11,21%) e Amoras (10,03%); em terceiro lugar, 310 jovens assumem que “evitam falar com estranhos”. Para esses últimos posicionamentos, as maiores porcentagens se concentraram na RUPs Centro (17,42%), Santo Antônio (12,26%), Amoras (11,61%) e Bom Jesus (10,65%). E, em quarto lugar, os jovens disseram que “evitam frequentar locais sem iluminação” – atitude tomada por 307 jovens, a maioria das RUP: Centro (19,87%), Santo Antônio (13,03%), Amoras (11,4%) e Bom Jesus (10,42%).

Nota-se pelos dados que além dos jovens da região Centro, Bom Jesus e Santo Antônio serem as maiores vítimas de violência e os que mais têm medo da violência, são também os que mais tendem a modificar a conduta cotidiana em função do medo de ser vítima de violência. Esse resultado aponta uma relação entre ser vítima de violência, a intensidade do medo e a modificação da conduta e que essas não são dependentes da Região Urbana de Planejamento onde reside o jovem, da renda per capita e da situação de vulnerabilidade social.

Esses dados corroboram com as informações do relatório “Segurança cidadã com rosto humano: diagnóstico e propostas para a América Latina”, publicado em 2013, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que identificou que, no ano de 2012, o medo da violência fez com que: 45% a 65% dos latino-americanos deixassem de sair à noite; 6,8% a 51,5% limitassem os locais de fazer compras e 20,6% a 59,1% restringissem as suas opções de lazer. Em relação ao lazer, no Brasil, esse número foi de 24,7% (PNUD, 2013), um país que pela situação econômica, 61% dos jovens já tem as suas formas de lazer restritas aos espaços públicos como parques e praças. (SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE, 2013).

Como se percebe, o medo da violência leva a diferentes modificações na conduta cotidiana, a qual varia, de indivíduo para indivíduo. Assim, indivíduos que já foram vítimas de violência tendem a ter mais medo de serem vítima novamente do que aqueles que nunca foram vítimas. E, em função disso, evitam frequentar determinados espaços da cidade ou até mesmo sair de casa. (BORGES, 2013).

A Tabela 5 apresenta a OR (Odds ratio) dos coeficientes da regressão logística múltipla, com os respectivos intervalos de confiança a 95%, associados a cada variável dependente nos modelos ajustados. Percebeu-se que todos os valores estimados para OR foram significativos a 5% de probabilidade, pois o número 1 não está contido em nenhum dos intervalos de confiança.

Assim, a relação entre os tipos de violência sofrida, ou vivenciada pelos jovens, com as atitudes tomadas, foram modeladas pelo uso da regressão logística múltipla, considerando as 11 variáveis dependentes, e as variáveis independentes selecionadas em cada modelo. Nos modelos ajustados, o procedimento stepwise selecionou nove vezes a variável independente, “Teve os pertences roubados” e seis vezes a variável, “Se envolveu em brigas ou agressões físicas”. Na maioria das vezes, os maiores valores de OR foram associados à variável, “Teve os pertences roubados”, uma média de 2,39 já para a variável “Se envolveu em brigas ou agressões físicas”, a média foi de 1,99. As variáveis “Foi vítima de violência pela polícia Militar” e “Teve um familiar vítima de homicídio”, foram selecionadas em apenas dois dos modelos ajustados, com valores médios para a OR, respectivamente, iguais a 2,69 e 2,11.

Tabela 5 – Odds ratio (OR) com intervalo de confiança de 95%, obtidos pelo ajuste do modelo de regressão logística múltipla considerando os tipos de violência como variáveis independentes e as atitudes mediante a violência como dependente – 2019.

| Variáveis dependente | Variáveis independente | OR | 2.5% | 97.5% |
|---|--|-----------|-------------|--------------|
| Evita sair à noite | Teve pertences roubados | 2,72 | 1,94 | 3,83 |
| Evita sair sozinho | Se envolveu em brigas ou agressões físicas | 1,97 | 1,31 | 2,96 |
| | Teve pertences roubados | 2,3 | 1,59 | 3,34 |
| Não frequenta festas | Se envolveu em brigas ou agressões físicas | 1,77 | 1,03 | 2,96 |
| | Foi vítima de violência da polícia Militar | 2,42 | 1,20 | 4,72 |
| Evita ir em locais sem segurança | Teve pertences roubados | 2,02 | 1,40 | 2,92 |
| Evita locais sem iluminação | Teve pertences roubados | 2,48 | 1,72 | 3,59 |
| Evita falar com estranhos | Teve um familiar vítima de homicídio | 1,72 | 1,03 | 3,05 |
| | Se envolveu em brigas ou agressões físicas | 1,79 | 1,19 | 2,73 |
| | Teve pertences roubados | 1,9 | 1,31 | 2,75 |
| Evita usar roupas, relógios, celulares ou outros elementos que chamem a atenção | Teve pertences roubados | 2,73 | 1,92 | 3,91 |

| | | | | |
|---|--|------|------|------|
| Muda de calçada quando sente uma possível situação de risco | Se envolveu em brigas ou agressões físicas | 1,85 | 1,22 | 2,84 |
| | Teve pertences roubados | 2,59 | 1,78 | 3,79 |
| Não confiar em pessoas estranhas | Foi vítima de violência pela polícia Militar | 2,95 | 1,38 | 7,04 |
| | Teve um familiar vítima de homicídio | 2,49 | 1,34 | 4,89 |
| | Teve pertences roubados | 2,64 | 1,79 | 3,93 |
| Não confiar em pessoas estranhas e próximas, apenas em amigos | Teve pertences roubados | 2,2 | 1,56 | 3,13 |
| | Se envolveu em brigas ou agressões físicas | 2,22 | 1,49 | 3,32 |
| Não confiar em ninguém que não seja um familiar | Se envolveu em brigas ou agressões físicas | 2,32 | 1,43 | 3,70 |

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa de campo (2018).

De modo geral, ao se analisar o impacto de um histórico de violência sobre a conduta cotidiana dos entrevistados ou de seus familiares, notou-se que os valores estimados para OR foram sempre superiores a um. Esses resultados evidenciam que as pessoas que já sofreram algum tipo de violência ou a vivenciaram, têm, em média, 2,26 de chance de realizar alguma mudança de atitude, quando comparada a uma pessoa que nunca sofreu nenhum tipo de violência. Caso, principalmente, dos jovens da região Centro, Bom Jesus e Santo Antônio, que apesar de habitarem regiões diferentes em termos de localização geográfica, renda per capita e vulnerabilidade social, foram os jovens que mais demonstraram modificações na conduta cotidiana, bem como os que mais foram vítimas de violência ou que tiveram algum membro da família como vítima.

Além disso, esses resultados estão condizentes com os obtidos nos estudos de Borges (2013), em que se constatou que indivíduos vítimas de violência apresentaram maior probabilidade de se sentirem inseguros em qualquer hora do dia, no próprio bairro de residência ou em outras partes da cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa objetivou analisar a influência da violência urbana no uso dos espaços públicos e nas interações sociais dos jovens residentes na cidade de Viçosa. A partir dos dados



analisados, percebeu-se que a violência urbana em Viçosa, na forma de roubos, homicídios e agressões físicas, apresenta índices elevados nos espaços públicos da cidade, principalmente no período noturno. É nesse período que o número de pessoas transitando pelos espaços públicos é bem menor, o que facilita a ocorrência de alguns tipos de violência como, por exemplo, o roubo, que para ocorrer requer que o local esteja com pouco movimento ou deserto.

Em relação à frequência de utilização dos espaços públicos e semipúblicos de Viçosa, os dados evidenciaram que os espaços mais frequentados pelos jovens eram os espaços que não demandavam dos jovens grandes investimentos financeiros para o seu usufruto. Especificamente, esses espaços estiveram relacionados às praças e quadras esportivas do campus da UFV (Universidade Federal de Viçosa) e às festas abertas ao público também no campus da UFV.

Os espaços públicos da UFV são umas das poucas áreas verdes públicas da cidade e apresentaram as maiores frequências de utilização, não havendo diferenças significativas na utilização desses espaços pelos jovens das diferentes regiões da cidade. Essa situação evidencia a necessidade de formação na cidade de espaços públicos, voltados para o lazer e que tenham segurança para atender os jovens. Com relação aos espaços semipúblicos de lazer, os mais frequentados pelos jovens foram os locais que eles consideravam os mais seguros, ou seja, o *shopping*, o cinema e a igreja, havendo diferenças significativas na utilização apenas da igreja e do cinema.

A análise sobre jovens que foram vítimas de violência ou que tiveram algum membro da família como vítima revelou que as maiores vítimas de roubos foram os jovens das regiões de renda elevada, caso da região Centro, onde foi identificada a maior porcentagem. Os homicídios foram mais registrados pelos jovens das regiões Santa Clara, Santo Antônio e Nova Viçosa, regiões de renda per-capita baixa e marcadas por maior vulnerabilidade social, ações do tráfico e circulação de armas de fogo quando comparados às regiões Centro, Acamari e Lourdes.

Com relação às agressões físicas, de forma geral, os que mais relataram esse tipo de caso foram os jovens das regiões Silvestre, Nova Viçosa e Bom Jesus. Já as agressões praticadas pela polícia, os maiores registros estiveram associados aos jovens das regiões Bom Jesus, Nova Viçosa e Santa Clara. Diferentemente do que Cano (1997) averiguou no seu estudo, de que as agressões físicas não apresentaram um padrão definido, no caso de Viçosa, os dados demonstraram o contrário. Os dados revelaram que existe um padrão nas agressões físicas, sendo os jovens das regiões Bom Jesus, Nova Viçosa e Santa Clara os que registraram a maior



ocorrência. São nesses locais em que a renda per-capita é mais baixa, a vulnerabilidade social é mais elevada e que têm problemas de infraestrutura. São os jovens dessas regiões, também, os que têm a pior representação sobre a polícia, identificada por eles como elitista, violenta e preconceituosa.

A relação conturbada entre a polícia e a população residentes em área de baixa renda e de alta vulnerabilidade social, em que a população evidencia sentir medo de se relacionar com a polícia e tem pouca confiança nela, é um problema que fica claro em vários estudos associados a outras cidades brasileiras. Tal dado aponta a necessidade de construção de uma nova relação entre a polícia e a população, que seja pautada no diálogo e respeito, para que a população não tenha medo e confie na polícia e, dessa forma, possa colaborar com o trabalho desenvolvido por ela.

A análise do medo que os jovens sentem de ser vítima de violências nas atividades cotidianas em Viçosa revelou que o maior medo estava relacionado às atividades: sair para se divertir, utilizar o ônibus e sair para caminhar. São os jovens das regiões Bom Jesus, Centro e Santo Antônio os que mais demonstraram esse medo. As condutas cotidianas mais modificadas em função do medo da violência foram: não confiar em pessoas estranhas, mudar de calçada quando sente uma possível situação de perigo, evitar falar com estranhos e não frequentar locais sem iluminação. Os jovens que mais adotaram essa conduta foram os jovens das regiões Amoras, Bom Jesus, Centro, Santa Clara e Santo Antônio.

Por fim, o histórico de violência – ter sido vítima de violência urbana ou ter tido alguém da família como vítima – levava a uma maior probabilidade de modificar alguma conduta cotidiana, principalmente nos casos em que a pessoa teve os pertences roubados ou quando se envolveu em brigas ou agressões. Esse foi o caso, principalmente, dos jovens da região Centro, Bom Jesus e Santo Antônio, regiões que apresentaram diferenças em termos de localização geográfica, renda per-capita e vulnerabilidade social.

Tal resultado leva a concluir que esses fatores não são os de maior influência na modificação da conduta cotidiana dos jovens das diferentes regiões. Explicativo para as modificações na conduta cotidiano e fator mais importantes associado a essas mudanças é o fato de o jovem ter sido vítima ou ter tido um membro da família como vítima. Esses casos requerem maior atenção por parte dos familiares das vítimas para ajudá-las a superar o trauma e, também, maior atenção do poder público, o qual deve atuar encaminhando as pessoas vítimas



de violência urbana para os serviços de assistência social e procurar meios de tornar a cidade mais segura.

Conclui-se que a violência urbana afeta o uso da cidade pelos jovens, pois na expectativa de não serem vítimas de violência, eles tendem a modificar as condutas cotidianas, principalmente aqueles que já foram vítimas ou que tiveram algum membro da família como vítima. Neste contexto, a violência produz impacto nas interações sociais dos jovens, pois ao evitar se relacionar com determinados indivíduos, eles restringem as suas saídas a determinados locais e a determinados horários. Tal restrição implica na perda da possibilidade de convivência com o diferente, de vencer as barreiras sociais e de transformar os espaços públicos em locais mais seguros, já que parte dos casos de violência registrados na cidade só podem ser resolvidos pela segurança pública, juntamente com a utilização desses espaços pelas pessoas.

6. NOTAS

1. De acordo com o Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013) são considerados jovens indivíduos que tem entre 15 e 29 anos.
2. Entende-se nesse estudo como medo da violência, uma reação emocional, marcada pela sensação de perigo e ansiedade diante da possibilidade de sofrer algum dano físico. (GAROFALO, 1981).
3. Segundo Bauman (2008), a insegurança relacionada à violência é a crença de que o mundo é um local cheio de perigo e que, em algum momento, seremos nós as vítimas.
4. De acordo com Velho (2001), sociabilidade pode ser definida como as interações sociais, as redes de interações e as situações de interação.
5. Para Adorno (2002), seriam os crimes que ao serem cometidos ocorre ameaça à integridade física ou à vida da vítima.
6. Segundo Sposito (2006), são cidades médias aquelas em que o tamanho demográfico, o plano morfológico, bem como as funções e usos urbanos fazem com que desempenhem um papel importante na rede urbana, atuando como centros regionais para onde a população das cidades menores recorreria quando necessitasse. Para Batella (2017), os elementos que caracterizam Viçosa como cidade de médio porte são: a presença da Universidade Federal de Viçosa situada no centro da cidade, a União de Ensino Superior de Viçosa (UNIVIÇOSA) e Escola de Estudos Superiores de Viçosa (ESUV), ambas situadas no vetor norte da cidade, sendo influenciadora do crescimento do comércio para essa região e com ela a intensificação do uso do solo caracterizando novas formas de produção e consumo. Junta-se ainda o surgimento de novas áreas de comércio e serviços distantes do centro principal.
7. Os dados do Atlas da Violência, publicado no ano de 2019, evidenciam que no ano de 2017, o Brasil registrou uma taxa de 31,6 homicídios por 100 mil habitantes. (CERQUEIRA et al, 2019).
8. De acordo com Centro de Promoção do Desenvolvimento Sustentável (CENSUS) (2014), a cidade de Viçosa possui 14 Regiões Urbanas de Planejamento, as quais foram formadas a partir do agrupamento de ruas e bairros da cidade, tendo como critério a proximidade e similaridade socioeconômica entre elas, sendo essas regiões: **1 - Centro:** Integrada pelos bairros: Ramos, Clélia Bernardes, Belvedere e Centro. Este último limitado pelas ruas: Gomes Barbosa, Ladeira dos Operários, José Antônio Rodrigues, Dos Estudantes, Av. P. H. Rolfs (da linha férrea até a esquina com a Av. Castelo Branco), Av. Marechal Castelo Branco, (até o trevo do Belvedere), Geninho Lentine, Dr. Milton Bandeira, Dona Gertrudes, Tenente Kummel, Av. Bueno Brandão e Floriano Peixoto. **2 - Acamari:** Integrada pelos bairros: Romão dos Reis, Rua Nova, Acamari, Vila Alves, Jardim do Vale, Quinta dos Guimarães, Monte Verde e Otávio Pacheco. **3 -**



Bom Jesus: Integrada pelos bairros: Bom Jesus, Bela Vista, Sagrada Família, Estrelas e Conceição. **4 - Nova Viçosa:** Integrada pelos bairros: Nova Viçosa e Posses. **5 - Fátima:** Integrada pelo Bairro de Fátima. **6 - Lourdes:** Integrada pelos bairros: Betânia, Santa Clara (parte baixa, limitada pela Av. JK até a rua Joaquim Andrade), Lourdes e Al. Fábio Ribeiro Gomes. **7 - Santa Clara:** Integrada pelos bairros: JK, Santa Clara (parte alta), Maria Eugênia, Coelhas e São Sebastião. **8 - Passos:** Integrada pelos bairros: Fuad Chequer, Sagrado Coração (Rebenta Rabicho) e pela área limitada pela Rua dos Passos (do Hospital S.J. Batista até a esquina com a Dona Gertrudes), Rua Dr. Brito, Santana, Álvaro Gouveia e Dr. José N. Vaz de Melo. **9 - Santo Antônio:** Integrada pelos bairros: Julia Molar, Santo Antônio (do Belvedere até o trevo de Coimbra). **10 - Nova Era:** Integrada pelos bairros: Nova Era, Vale do Sol e União (Morro do Café). **11 - Amoras:** Integrada pelos bairros: Barrinha, Cidade Nova, Arduíno Bolívar (Amoras), Laranjal (São José), Boa Vista, Vau-Açu, Inácio Martins e Floresta. **12 - Silvestre:** Integrada pelos bairros: Liberdade, João Braz, Violeira, Recanto da Serra, Parque do Ipê, Inconfidentes, Silvestre e Novo Silvestre. **13 - Fundão:** Integrada pelo distrito de São José do Triunfo. **14 - Cachoeirinha:** Integrada pelo distrito de Cachoeira de Santa Cruz.

9. Os dados sobre homicídios, roubos e agressões físicas em Viçosa fazem parte das estatísticas criminais disponíveis, resultado dos registros oficiais do sistema de justiça criminal. Nesse sentido, conforme afirmam Lemgruber, Musumeci e Ramos (2002), não podem ser consideradas um reflexo da magnitude dos casos de violência e criminalidade que ocorrem nos municípios, pois nem todos os delitos cometidos são notificados à polícia, por falta de confiança, da avaliação subjetiva da gravidade do tipo de crime, bem como do custo para se fazer a notificação, em termos de deslocamento e os possíveis embaraços no caso de estar envolvido com o caso.

0. A análise do Census (2014) sobre a situação de vulnerabilidade a qual estão expostas as famílias das regiões urbanas de planejamento contemplou as seguintes variáveis: 1 - Famílias que residem em domicílio com serviços de infraestrutura inadequados, 2 - Famílias com renda familiar per capita inferior a um quarto de salário mínimo. 3 - Famílias com renda familiar per capita inferior a meio salário mínimo cujo responsável tenha menos de quatro anos de estudo e com pessoas de 0 a 14 anos. 4 - Famílias nas quais o responsável é mulher, analfabeta, sem cônjuge, com filhos menores de 15 anos. 5 - Famílias nas quais há uma pessoa com 16 anos ou mais, desocupada (procurando emprego) com quatro ou menos anos de estudo. 6 - Famílias nas quais há uma pessoa com 10 a 15 anos de idade e que trabalhe. 7 - Famílias nas quais há uma pessoa com 4 a 14 anos de idade que não estude. 8 - Famílias com renda familiar per capita inferior a meio salário mínimo, com pessoas de 60 anos ou mais. 9 - Famílias com renda familiar per capita inferior a meio salário mínimo, com uma pessoa com deficiência.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas.** Brasília: UNESCO/BID, 2002.

ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, 2002, 8: 84-135.

AGRANONIK, Marilyn; HIRAKATA, Vânia Naomi. Cálculo de tamanho de amostra: proporções. **Revista HCPA**, v. 31, n. 3, p. 382-388, 2011.

ARANTES, Rafael de Aguiar. A cidade do medo: segregação, violência e sociabilidade urbana em Salvador. Cadernos do CEAS: **Revista crítica de humanidades**, n. 235, p. 45-73, 2015.

BAIERL, Luzia Fátima. Medo Social: dilemas cotidianos. **Revista de Ciências Sociais**, n. 3, p. 138-158, 2008.

BATELLA, V. Centro, **Centralidade e Cidade Média:** Apontamentos sobre Viçosa-MG. In: SOUSA, Diogo Tourino de; BATELHA, Wagner Barbosa. Cidades, Territórios e Direitos. Viçosa: Editora UFV, 2017. 256p.



Rev. Dir. Cid., Rio de Janeiro, Vol. 14, N.02., 2022, p. 820-854.

André Luis Gomes, Neide Maria de Almeida Pinto, Ana Louise de Carvalho Fiúza e Geraldo Magela da Cruz Pereira

DOI: 10.12957/rdc.2022.54998 | ISSN 2317-7721

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Zahar, 2008.

BORGES, Doriam. Vitimização e sentimento de insegurança no Brasil em 2010: teoria, análise e contexto. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 18, n. 1, p. 141-163, 2013.

BRANDÃO, Thadeu de Souza; COSTA, Jean Henrique. Um olhar sobre a violência homicida em Mossoró/RN /brasil e sua relação com o turismo de eventos. **TURyDES**, v. 8, n. 18, 2015.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) [online]. Brasília [s.d.]. Disponível em: [http:// www.datasus.gov.br](http://www.datasus.gov.br). Acessado em 25 de maio de 2007, 26 de junho de 2007 e 26 de novembro de 2007

BRASIL, Agenda Juventude. pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros 2013. Brasília, DF: Secretaria Nacional da Juventude, 2013.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**, p. 29-44, 2008.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 399 p.

CANO, Ignacio. Análise espacial da violência no município do Rio de Janeiro. In: NAJAR, Alberto Lopes; MARQUES, Eduardo Cesar. (Org.). **Saúde e espaço: estudos metodológicos e técnicas de análise**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998. cap. 12, p. 239-273

CARDIA, Nancy. Exposição à Violência: seus efeitos sobre valores e crenças em relação à violência, política e direitos humanos. **Lusotopie**, p. 299-330, 2003.

CARDIA, Nancy; ADORNO, Sérgio; POLETO, Frederico. Homicídio e violação de direitos humanos em São Paulo. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 47, p. 43-73, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CAVALCANTI, Ricardo Caldas. As dinâmicas da violência urbana na América Latina. Século XXI – **Revista de Ciências Sociais**, v. 7, n. 2, p. 226-251, 2017.

CECCATO, Vania. Public space and the situational conditions of crime and fear. **International criminal justice review**, v. 26, n. 2, p. 69-79, 2016.

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência 2019**. Rio de Janeiro, IPEA e Fórum Brasileiro de Segurança Pública.



COHEN, Lawrence E.; KLUEGEL, James R.; LAND, Kenneth C. Social inequality and predatory criminal victimization: An exposition and test of a formal theory. **American sociological review**, p. 505-524, 1981.

_____.; FELSON, Marcus. Social change and crime rate trends: A routine activity approach. **American sociological review**, p. 588-608, 1979.

CROWL, Justin N.; BATTIN, Joshua R. Fear of crime and the police: Exploring lifestyle and individual determinants among university students. **The Police Journal**, v. 90, n. 3, p. 195-214, 2016.

CRUZ, Tancredo Almada (Coord.). **Retrato social de Viçosa V**. Viçosa: CENSUS, 2014. 91p.

DAMMERT, Lucía. Confianza en la policía en Chile. Un arma de doble filo. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 16, n. 4, p. 575-594, 2016.

FÁVERO, Douglas Gonsalves; MORAIS, Sérgio Paulo. A condição juvenil interrompida? O lazer e a sociabilidade juvenil em torno da rua em áreas de ocupação urbana em Uberlândia–MG. **Em Debate**, n. 15, p. 37-54, 2016.

GAROFALO, James. The fear of crime: Causes and consequences. **J. Crim. L. & Criminology**, v. 72, p. 839, 1981.

GOMES, Paulo César da Costa; **A Condição Urbana: ensaios de geopolítica a cidade**. Rio de Janeiro, 2002.

GONÇALVES, Aline Cristina Arruda. et al. Pesquisa de Mercado aplicada à indústria de alimentos. In: **Análise sensorial estudo com consumidores**, v. 2, p. 214-257, 2013.

HERMES, I.; ALVES, C.; BRANDÃO, T. **Rastros de pólvora: metadados 2015**. Natal, RN: Edição dos Autores.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 16 de jan. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 16 de jan. 2020.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. UFMG. 2014.

LUIZ, Ronir Raggio; MAGNANINI, Monica M. F. A lógica da determinação do tamanho da amostra em investigações epidemiológicas. **Cadernos de Saúde Coletiva**, v. 8, n. 2, p. 9-28, 2000.

MAGRINI, Maria Angélica de Oliveira. Interações entre violência e cidades: em busca de uma definição de violência urbana. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 36, p. 83-98, 2014.

MELLO, Marco Antônio da Silva; VOGEL, Arno; SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. Rio de Janeiro, IBAM/FINEP, 1985.



MIOT, Hélio Amante. Tamanho da amostra em estudos clínicos e experimentais. **J Vasc bras**, v. 10, n. 4, p. 275-278, 2011.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MUSTAINE, Elizabeth Ehrhardt; TEWKSBURY, Richard. Predicting risks of larceny theft victimization: A routine activity analysis using refined lifestyle measures. **Criminology**, v. 36, n. 4, p. 829-858, 1998.

PERRUSI, Artur. **Imagens da loucura: representação social da doença mental na psiquiatria**. Cortez Editora, 1995.

PNUD. **Segurança Cidadã com uma face humana: Evidências e Propostas para a América Latina (2013)**.

Disponível em: www.latinamerica.undp.org/content/dam/rblac/docs/Research%20and%20Publications/IDH/Resumen%20IDH%20portugues_completo_.pdf . Acessado em: 11/12/2019.

RIBEIRO JÚNIOR, Humberto; QUEIROZ, Glalber Costa Cypreste. A produção da sociabilidade violenta nas relações sociais dos moradores dos centros urbanos brasileiros. **Revista de Sociologia, Antropologia e Cultura Jurídica**, v. 1, n. 1, 2015.

SANTOS, Márcia Andréia Ferreira; RAMIRES, JC de L. Percepção espacial da violência e do medo pelos moradores dos bairros Morumbi e Luizote de Freitas em Uberlândia/MG. **Sociedade e Natureza**, v. 21, n. 1, p. 131-145, 2009.

SCHVASBERG, Benny. Tendências e problemas da urbanização contemporânea no Brasil. In: CASTRIOTA, L. B. (Org.). **Urbanização brasileira: redescobertas**. Belo Horizonte: **C/ Arte**, 2003, p. 43- 63.

SILVA, Luiz Antonio Machado. **Fazendo a cidade: trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas**. Mórula Editorial, 2016.

SILVA, Enid Rocha Andrade da; BOTELHO, Rosana Ulhôa. **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2015.

SINHORETTO, J. **Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil**. Secretaria Nacional da Juventude, 2015.

VELHO, Gilberto. Individualismo, anonimato e violência na metrópole. **Horizontes antropológicos**, v. 6, n. 13, p. 15-29, 2000.

MARIA, Ana Cristina de Souza. **A produção do espaço urbano da zona sul de Viçosa-MG: empreendimentos horizontais na bacia do ribeirão São Bartolomeu**/Ana Cristina de Souza



Rev. Dir. Cid., Rio de Janeiro, Vol. 14, N.02., 2022, p. 820-854.

André Luis Gomes, Neide Maria de Almeida Pinto, Ana Louise de Carvalho Fiúza e Geraldo Magela da Cruz Pereira

DOI: 10.12957/rdc.2022.54998 | ISSN 2317-7721

Maria.–Viçosa, MG, 2016. xiv, 123f.: il.(algumas color.); 29 cm. 2016. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Viçosa.

VIEIRA, Denise Carla Melo et al. Território criminalidade e violência: uma análise dos homicídios na 4ª E 5ª AISP, BELÉM-PARÁ. **Boletim Amazônico de Geografia** (ISSN: 2358-7040 - on line), Belém, v. 03, n. 05, p. 152-174. jan./jun. 2016.

Sobre os autores:

Neide Maria de Almeida Pinto

Pós-Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Minho em Braga, Portugal; Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); Professora Titular do Departamento de Economia Doméstica e do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, MG, Brasil

Universidade Federal de Viçosa - UFV, Viçosa, MG, Brasil

Lattes:<http://lattes.cnpq.br/9078207930978711> Orcid:<http://orcid.org/0000-0002-8713-5471>

E-mail:nalmeida@ufv.br

Ana Louise de Carvalho Fiúza

Pós-Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Minho em Braga, Portugal; Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, MG, Brasil; Professora Titular do Departamento de Economia Rural e do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, MG

Universidade Federal de Viçosa - UFV, Viçosa, MG, Brasil

Lattes:<http://lattes.cnpq.br/6980818349328612> Orcid:<http://orcid.org/0000-0002-3898-1583>

E-mail:louisefiuz@ufv.br

André Luis Gomes

Doutor em Economia Doméstica na área de concentração: Família e Sociedade, pelo programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica (PPGED) da Universidade Federal de Viçosa (2020). Neste período, atuou na linha de pesquisa: Famílias, Políticas Públicas e Desenvolvimento Humano e Social. Mestre em Arquitetura e Urbanismo na área de concentração: Planejamento, Produção e Avaliação do Espaço Construído, pelo programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal de Viçosa (2015). Atuando na linha de pesquisa: Planejamento do Espaço Construído. Bacharel em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (2012).

Universidade Federal de Viçosa - UFV, Viçosa, MG, Brasil

Lattes:<http://lattes.cnpq.br/6020427082718955> Orcid:<https://orcid.org/0000-0002-3395-9192>

E-mail:andre.l.gomes@ufv.br

Geraldo Magela da Cruz Pereira

Possui graduação em Matemática pela Universidade Federal de Viçosa (2014), mestrado em Estatística Aplicada e Biometria pela Universidade Federal de Viçosa (2016) e doutorado em Estatística Aplicada e Biometria pela Universidade Federal de Viçosa (2020). Tem experiência na área de Estatística, com ênfase em Biometria e Métodos Estatísticos aplicados às Ciências Agrárias, Biológicas e Humanas, e na área de Seleção Genômica, com ênfase em métodos de aprendizado de máquina e métodos bayesianos.

Universidade Federal de Viçosa - UFV, Viçosa, MG, Brasil

Lattes:<http://lattes.cnpq.br/3918050985377865> Orcid:<https://orcid.org/0000-0001-6280-4870>

E-mail:geraldomcpereira@gmail.com

Os autores contribuíram igualmente para a redação do artigo.



Rev. Dir. Cid., Rio de Janeiro, Vol. 14, N.02., 2022, p. 820-854.

André Luis Gomes, Neide Maria de Almeida Pinto, Ana Louise de Carvalho Fiúza e Geraldo Magela da Cruz Pereira

DOI: 10.12957/rdc.2022.54998 | ISSN 2317-7721